

REVISTA

DIALÓGO E INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687

19

NÚMERO 1



FACCREI

UMA VISÃO GERAL DO PROJETO PROGRAMÁTICO DE LINGÜÍSTICA MARXISTA DE IEVGUIÊNI D. POLIVÁNOV E A SUA CONCEPÇÃO DE MUDANÇA DA LÍNGUA

AN OVERVIEW OF YEVGENY D. POLIVANOV'S PROGRAMMATIC PROJECT OF MARXIST LINGUISTICS AND HIS CONCEPTION OF LANGUAGE CHANGE

429

Fábio Luiz de Castro Dias*

RESUMO: No presente artigo, o nosso objetivo é traçar um debate epistêmico e historiográfico sobre uma teoria importante na ciência soviética da linguagem: a linguística marxista de Ievguiêni D. Polivánov [1891-1938], um dos mais proeminentes linguistas da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Para alcançarmos o nosso fim, partimos de uma apresentação de pontos da biografia do linguista soviético, com informações relevantes para o nosso entendimento da sua formação, da sua atuação política junto à Revolução de 1917, do seu trabalho docente e da sua atividade de pesquisa, segundo o que é traçado pelo seu biógrafo Lártsiev (Ларцев, 1988). A seguir, delimitamos um traço epistêmico e ideológico da conjuntura e do horizonte em que se formou a maior parte da reflexão linguística de Polivánov: o movimento sociológico na linguística soviética entre 1920 e 1930, tal como é historiado por Brandist (2003; 2006) e por Lähteenmäki (2010). Por fim, oferecemos uma discussão das características gerais do projeto programático de linguística marxista do linguista soviético, do seu fundamento materialista e, como exemplificação, da sua concepção sociológica do fenômeno da *mudança* da língua, recorrendo às concepções por ele propostas em sua obra *Por uma linguística marxista* [За марксистское языкознание] (Поливанов, 1931). Com o nosso texto, esperamos contribuir para a ampliação da nossa interpretação sobre as muitas faces da história da ciência da linguagem, bem como para a difusão de uma parte das ideias de uma teoria linguística de qualidade ímpar, que muito possui ainda a nos oferecer de uma perspectiva analítica, teórica e metodológica.

PALAVRAS-CHAVE: Ievguiêni D. Polivánov. Teoria marxista da linguagem. Mudança linguística. Movimento sociológico na ciência da linguagem. Linguística russa e soviética.

ABSTRACT: In this article, our aim is to outline an epistemic and historiographical debate regarding an important theory within the Soviet science of language: the Marxist linguistics of Yevgeny D. Polivanov [1891-1938], one of the most prominent linguists of the former Union of Soviet Socialist Republics (USSR). To achieve this aim,

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (FLP), no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

we begin by presenting key points from the biography of the Soviet linguist, including relevant information for understanding his background, his political involvement with the 1917 Revolution, his teaching work, and his research activities, as outlined by his biographer Lartsev (Лартцев, 1988). Next, we define an epistemic and ideological feature of the context and horizon in which most of Polivanov's linguistic thought developed: the sociological movement within Soviet linguistics between 1920 and 1930, as chronicled by Brandist (2003; 2006) and Lähteenmäki (2010). Finally, we offer a discussion of the general characteristics of the Soviet linguist's programmatic project of materialist linguistics, its Marxist foundation, and, by way of exemplification, his sociological conception of the phenomenon of language change, drawing on the ideas proposed in his work *For Marxist Linguistics* [За марксистское языкознание] (Поливанов, 1931). Through this work, we hope to contribute to broadening our understanding of the many facets of the history of the science of language, as well as to the dissemination of some ideas from a linguistic theory of unique quality that still has much to offer from an analytical, theoretical, and methodological perspective.

KEYWORDS: Yevgeny D. Polivanov. Marxist theory of language. Linguistic change. Sociological movement in the science of language. Russian and Soviet linguistics.

1. À guisa de introdução

É demasiadamente claro, quanto ao decurso ramificado da história da Linguística, que o que de fato conhecemos nada mais é do que uma das várias dimensões que caracterizam o seu longo e irregular encadeamento discursivamente epistêmico. Aqui e acolá, há sempre zonas vazias, instâncias mais ou menos obscuras, pontos de fratura ou de descontinuidade, bifurcações, permanências sutis sob o signo das falsas dissidências e domínios absurdamente silenciosos em que pouco ou nada conseguimos distinguir como certo e válido ou sequer dimensionar a existência do que há verdadeiramente ali, o que torna a superfície do oceano das ideias linguísticas dominada apenas por uma ilusória calmaria. Há capítulos inteiros da história da nossa ciência da linguagem que, se foram escritos nos confins cultural, geográfica e historicamente mais distantes dos nossos, cá, como é permitido prever, ainda não foram nem mesmo tomados como possíveis. Se apreciamos muito o que fizeram linguistas como Ferdinand de Saussure [1857-1913], Noam Chomsky [1928], William Labov [1927-2024] e Michael Halliday [1925-2018] – entre muitos outros –, pouco ou nada sabemos acerca do que, por exemplo, ampla e genuinamente propuseram os linguistas alemães, como Hermann Paul [1846-1893], Karl Brugmann

[1849-1919] e Eduard Sievers [1850–1932].

Entretanto, é uma falha que não se refere a uma suposta incapacidade cognoscitiva da nossa parte, muito menos a um tipo de negligência intencional. A história das ideias, em grande medida e em diversos dos seus aspectos, parece acompanhar refratadamente o movimento histórico das culturas em geral, e isso, em sentido o mais amplo possível, justifica e explica uma parte do nosso distanciamento de determinadas tradições constitutivas do desenvolvimento científico da totalidade do nosso domínio epistêmico. Um outro fator que muito contribui para que o nosso desconhecimento de tradições seja uma realidade é, como parece novamente evidente, a língua em que os textos que materializam o discurso epistêmico de um linguista são escritos, além das distâncias culturais e da ausência de intercâmbios mais consistentes entre duas ou mais culturas de diferentes países, o que é refletido nos modos como as suas heranças acadêmicas podem se formar e se consolidar, as suas interlocuções intelectuais e as ênfases que concedem a uma ou a outra linha da tradição linguística em sua integralidade.

De certa maneira, é isso o que acontece generalizadamente também com a linguística russa e soviética. Além dos muitos trabalhos dedicados à análise, à tradução e à divulgação do pensamento do que convencionamos nomear apocrifamente como *Círculo de Bakhtin*, em especial as recentes traduções e os ensaios críticos e historiográficos de pesquisadoras tais como a Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo (USP) e a Profa. Dra. Ekaterina Vólkova Américo (UFF)¹, e os já bastante conhecidos estudos fonológicos e linguísticos de linguistas de origem russa, como Román O. Iakobsón [1896-1982]² e Nikolai S. Trubetskói [1890-1938], membros do *Círculo Linguístico de Praga*, quase nada além é por nós sabido com mais exatidão sobre a ciência da linguagem produzida na Rússia e na posterior URSS.

¹ Citamos, como exemplos, as traduções das obras de Valentín N. Volóchinov [1895-1936], tais como *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (Volóchinov, 2017 [1929]) e o volume contendo um conjunto de ensaios, de artigos, de resenha e de poemas do filósofo russo, a que Grillo e Vólkova Américo, as suas tradutoras, deram o título de *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas* (Volóchinov, 2019).

² Assim grafamos o nome do linguista em questão para que sejam identificadas as suas corretas sílabas tônicas. A nossa escolha heterodoxa fundamenta-se sobre a maneira como ele é pronunciado em sua língua original.

Nomes tais como os de Alexander A. Potebniá [1835-1891], de Aliéksei A. Chákhmatov [1864-1920], de Ivan de Baudouin de Courtenay [1845-1929], de Rosália O. Chor [1894-1939] e de Viktor V. Vinográdov [1895-1969], ou são poucas e raras vezes rememorados e citados³, ou são completamente desconhecidos pelos lados de cá da história da Linguística.

Entre os muitos outros que também poderiam ser por nós acima mencionados, existe um cuja teoria linguística é exorbitantemente interessante, sobretudo por manifestar-se como uma expressão muito bem acabada e desenvolvida de uma das vertentes sociológicas nos estudos da linguagem na outrora russa soviética, entre a década de 1920 e a de 1930 (Lähteenmäki, 2010). Trata-se de Ievguêni D. Polivánov. Linguista, orientalista, tradutor e poeta, Polivánov é, como aponta o seu biógrafo Lártsiev (Ларцев, 1988), uma das figuras basilares da linguística soviética, em especial pela amplitude e pela profundidade dos seus muitos interesses científicos, seguramente definindo-se como um dos mais consistentes fundadores de uma *sociolinguística russa* (Ларцев, 1988; Brandist, 2003; 2006). De acordo com as palavras do seu biógrafo, “ele deixou um rico legado tanto em linguística quanto em campos científicos coligados – pedagogia, crítica literária, história, etnografia... Como um verdadeiro cientista, Polivánov esforçou-se para abranger integralmente a ciência, a que dedicou ele todos os poderes do seu intelecto e da sua alma” (Ларцев, 1988, p. 3, tradução própria)⁴.

Resumidamente, muitos foram os interesses científicos cultivados por Polivánov, desde os problemas concernentes aos estudos fonéticos e fonológicos⁵, às investigações gramaticais das línguas a partir de um comparatismo linguístico e ao processamento linguístico dos sons das línguas, até as temáticas ligadas à

³ Um dos trabalhos mais interessantes e importantes dos últimos tempos em que aparecem alguns dos nomes que mencionamos é o ensaio introdutório de Grillo (2017) à sua tradução da obra de Volóchinov acima referida. Para os que desejam entender um pouco mais do tema, cf. Grillo (2017).

⁴ Em língua original: “Он оставил богатейшее наследие в языкознании и в смежных областях науки – педагогике, литературоведении, истории, этнографии... Как истинный учёный, Поливанов стремился охватить целиком науку, которой он посвятил все силы ума и души”.

⁵ Lártsiev (Ларцев, 1988) aponta, a propósito, que Polivánov estabeleceu muitas interlocuções relevantes com outros linguistas do seu período, tais como Chákhmatov, cujo pensamento em muito contribuiu para que fosse gradativamente instituída uma sociolinguística na nascente URSS (Brandist, 2006).

dialetologia, à tipologia linguística, à poética do verso, à prosódia, à gramática da sua língua materna e a uma sociolinguística a que se vem correlacionar uma série de questões referentes à política linguística, uma temática muito comum entre vários linguistas soviéticos do seu período (Ларцев, 1988; Поливанов, 1991a [1923]; 1991c [1928]; 1933). Além dos temas referidos, há outros particularmente relacionados à linguística geral (Поливанов, 1968) e os vinculados ao seu propósito de instauração de uma linguística marxista (Поливанов, 1991b [1929]; 1931). Há também que se tornou Polivánov amplamente reconhecido pelas suas análises e pelas suas descrições das gramáticas de línguas orientais, como o japonês e o mandarim (Поливанов, 1930).

No que se refere ao traço epistêmico de sociologismo marxista na sua teoria linguística, é imprescindível que entendamos que a sua postura científica é uma consequência, como é apontado por Polivánov (Поливанов, 1929; 1931) e como é confirmado por Lártsiev (Ларцев, 1988), de uma dupla contraposição teórica praticada por ele: uma ao *formalismo linguístico*, representado, por exemplo, pelo saussureanismo, tanto quanto pelos adeptos russos e soviéticos dos pressupostos e dos fundamentos da teoria articulada em *Curso de linguística geral* (Saussure, 2021 [1916]); e outra ao *marrismo linguístico*, cujas ideias são hodiernamente pouco compreendida como científicas, decorrente das reflexões ideologicamente linguísticas de Nikolai I. Marr [1865-1934] sobre o funcionamento, a origem e o desenvolvimento das línguas de acordo com a lógica de organização das classes sociais, e que versa também sobre a *infraestrutura*, no sentido de um conjunto objetivo formado pelas bases materiais e pelas relações socioeconômicas e políticas de uma sociedade, enquanto um fator *direta e totalmente* determinante da língua entendida como um constituinte da *superestrutura* (Ларцев, 1988; Lähteenmäki, 2010). Ao desconsiderar ambas as perspectivas, Polivánov assume para a sua teoria uma visão mais dialética, integrando-lhe fundamentos e conceitos do materialismo histórico-dialético, sobretudo na sua concepção das causas da mudança linguística e da *mediaticidade* que caracteriza as suas muitas determinações pelas transformações infraestruturais (Поливанов, 1929; 1931).

A partir de suas críticas a ambas as tendências dos estudos linguísticos,

Polivánov então procura fundamentar os *princípios metodológicos* da sua linguística marxista em diferentes textos, especialmente nos de За марксистское языкознание [*Por uma linguística marxista*], publicado pela primeira vez em 1931, uma coletânea incompleta e que abarcaria muitas outras questões que, de fato, não foram levadas aos seus termos finais pelo seu autor, como afirma Lártsiev (Ларцев, 1988). Assim, diante das questões aqui apresentadas e de uma ausência geral no tratamento historiográfico mais detido da teoria de Polivánov no nosso contexto acadêmico e intelectual é que nutrimos a finalidade, no presente artigo, de discutir, em um primeiro instante, os fundamentos da linguística marxista do linguista soviético e, em um segundo, a sua concepção sociológica do fenômeno da mudança linguística. Para que consigamos realizá-lo, deter-nos-emos no que é discutido programaticamente por Polivánov, em especial, no seu texto prefacial à sua obra *Por uma linguística marxista* (Поливанов, 1931) e no segundo ensaio que o compõe, cujo título traduzido pode ser *Onde estão as causas da evolução linguística?* [Где лежат причины языковой эволюции?] (Поливанов, 1931).

Antes de fazê-lo de fato, realizaremos uma discussão preliminar na segunda seção, em que buscaremos sucintamente oferecer informações biográficas de Polivánov segundo o que é dito e apresentado por Lártsiev (Ларцев, 1988). Na terceira, traremos informações históricas e historiográficas, a partir do debate instituído por Lähteenmäki 2010, quanto ao sociologismo linguístico entre a década de 1920 e a de 1930 na URSS, em forma de um preâmbulo à nossa abordagem efetiva da teoria de Polivánov. E, na quarta e penúltima seção, colocaremos em discussão, em termos mais amplos, as posições polivanovianas quanto à necessidade teórica e metodológica, à sua época, de fundamentação de uma linguística marxista, do mesmo modo como buscaremos apresentar, logo a seguir, as suas ideias acerca do fenômeno da mudança linguística, destacando um certo número de pressupostos do marxismo assumidos por ele.

Com o presente artigo, ansiamos colaborar, de forma de fato efetiva, um pouco mais para com as pesquisas historiográficas e históricas a respeito da ciência da linguagem, assim como para a ampliação da nossa percepção a respeito da existência de muitas teorias linguísticas cujas contribuições podem ainda ultrapassar o âmbito

da historiografia, na exata proporção em que conservam em si fundamentos e questões que podem ser pertinentes para o desenvolvimento de reflexões atuais sobre os fenômenos da linguagem. Ademais, objetivamos proficuamente também atuar em conjunto com outros trabalhos que se dedicam ao estudo da linguística russa e soviética, em especial ao termos o desejo de aqui divulgar uma das suas perspectivas mais interessante, sistemáticas e profundamente dignas de nosso conhecimento, qual seja, a teoria marxista de Polivánov, a cuja qualidade esperamos fazer jus com este nosso gesto inicial.

2. Uma breve notícia biográfica: quem foi levguiêni Dimítrievitch Polivánov?

O meticoloso estudo de Lártsiev (Ларцев, 1988) sobre a vida e a atividade de Polivánov é indubitavelmente a melhor biografia a respeito do linguista soviético – senão a única. O autor, para tal, fundamenta-se sobre uma gama bastante extensa de materiais para nos oferecer um panorama tanto horizontal quanto vertical do percurso vivido e da trajetória intelectual de Polivánov, como documentos de vários arquivos, depoimentos de contemporâneos do linguista soviético e testemunhos referentes às conferências que ele ministrou. Como Lártsiev (Ларцев, 1988) comenta em seu livro, um ponto fundamental de inflexão em relação ao reconhecimento e à reabilitação de Polivánov em sentido concreto ocorre anos depois da sua morte em 1938 por decisão do Estado, motivada ideologicamente pelo expurgo stalinista realizado sobretudo na década de 1930 – mais intensamente entre 1936 e 1938.

Para situarmo-nos melhor quanto ao restabelecimento do legado intelectual do linguista soviético, tomemos como uma baliza importante a *Conferência “Polivánov”* datada de 1964, na cidade de Samarcanda, no Uzbequistão. Lártsiev (Ларцев, 1988) indica que é ela geralmente vista como o marco histórico do redescobrimento da produção científica de Polivánov, o que veio acompanhado pelo movimento paulatino da sua reabilitação, entre 1963 e 1964. Nos termos de Lártsiev (Ларцев, 1988, p. 6, tradução própria)⁶, “[...] a conferência foi o início de um amplo estudo do legado

⁶ Em língua original: “[...] конференция явилась началом широкого изучения творческого наследия

criativo de le. D. Polivánov, que havia sido reabilitado um pouco antes, em abril de 1963. Foi após a conferência que o estudo verdadeiro das suas obras linguísticas e literárias, da sua poesia e das suas traduções começou de fato”. Em tal conferência, mais de 97 trabalhos foram apresentados abertamente ou setorialmente, e houve um acordo firmado através de que se instituiu o comprometimento para com leituras bienais em homenagem ao pensamento do linguista (Ларцев, 1988). A partir daí é que, pouco a pouco, o conhecimento científico que Polivánov produzira retornou à cena epistêmica da URSS, para si angariando um prestígio mais do que merecido⁷.

Ievguîeni Dimítrievitch Polivánov [Евгений Дмитриевич Поливанов] nasceu exatamente em 28 de fevereiro de 1882, na cidade russa de Smoliésk (Смоленск). Essas informações, de acordo com o que afirma Lártsiev (Ларцев, 1988), permaneceram por um período envoltas em imprecisões graças justamente a um apagamento intencional e sistemático da memória de Polivánov nos anos de perseguições feitas pelo stalinismo. Tão somente com a movimentação promovida pela conferência de 1964, diz ainda Lártsiev (Ларцев, 1988), é que houve a devida restituição das suas informações biográficas, em especial com fundamentos em documentos oficiais – “na conferência, a data e o local de nascimento de le. D. Polivánov foram exatamente estabelecidos com base em um atestado de arquivo que foi trazido por um dos integrantes do Cartório de Registro Civil de Smoliésk” (Ларцев, 1988, p. 9, tradução própria)⁸.

Quanto à sua origem familiar e à classe social da sua família, o seu biógrafo igualmente assevera que ela pertencia ao que podemos chamar de linhagem nobre [дворянский семья (*dvoriánskii semiá*)]. O seu pai fora, por 36 anos, um ferroviário de carreira, profissão por ele seguida após, por anos, ter-se dedicado à atividade militar junto à elite tsarista. Segundo Lártsiev (Ларцев, 1988), a atmosfera familiar em

Е. Д. Поливанова, незадолго перед этим – в апреле 1963 г. – реабилитированного. Именно после этой конференции, по существу, начинается настоящее изучение его лингвистических и литературоведческих работ, его поэзии и переводов”.

⁷ São mencionados por Lártsiev (Ларцев, 1988) como responsáveis pela redescoberta da obra integral de Polivánov os linguistas Viatcheslav V. Ivánov [1929-2017], Aliéksei A. Leóntiev [1936-2004] e Fiódor D. Achnin [1922-2000], entre outros.

⁸ Em língua original: “На конференции были установлены точная дата и место рождения Е. Д. Поливанова на основе архивной справки, привезенной одной из участниц из Смоленского бюро ЗАГС”.

que ele nasceu e cresceu era, além de culta, dominada pela disciplina, conquanto não possamos ainda dizer que se tratava de um ambiente verdadeiramente abastado. Mas fato é que as condições de que gozava a sua família permitiu a Polivánov, nos anos seguintes, obter um acesso menos complicado a uma formação de boa qualidade, multidisciplinar e profundamente comprometida com os ideais condizentes com as exigências ali fomentadas.

Desde muito novo, Polivánov, fala Lártsiev (Ларцев, 1988), demonstrou uma tendência a ser um *prodígio linguístico*. Já nos primeiros anos da sua formação escolar, apresentava um domínio consideravelmente bom de várias línguas que não a sua materna, o que se encontra, de maneira estrita, vinculado ao clima intelectual que dominava o cenário do seu convívio familiar, muito propício ao poliglotismo e ao desenvolvimento autodidata de diversas disciplinas, principalmente das humanas. Lártsiev (Ларцев, 1988), aliás, descreve, com um tom de quase encanto, o domínio das línguas de Polivánov, cuja quantidade – 46 línguas, aproximadamente – ele mesmo teria dito para um jornalista do Uzbequistão, que escrevia sobre Polivánov uma obra de memórias infelizmente não finalizada. É a partir daí que Lártsiev (Ларцев, 1988) afirma ter tido o linguista soviético uma *personalidade lendária* – легендарная личность [*legendárnaia líchnost*].

Em 1908, Polivánov formou-se no ginásio local da cidade letã de Riga, aos seus 17 anos, como o confirma um documento descritivo a que faz referência Lártsiev (Ларцев, 1988). Em tal cidade, o linguista soviético achou um ambiente culturalmente vasto, misto e em demasia afeito à relação com diferentes línguas devido a um caráter de multilinguismo da Letônia. Logo após, ele se transferiu para São Petersburgo, cidade em que se engaja em estudos superiores no prestigiado Departamento Eslavo-Russo da Faculdade Histórico-Filológica e da Faculdade de Línguas Orientais da Universidade de São Petersburgo (Ларцев, 1988). De lá, saiu formado em 1912. Durante o ano de 1909 e o de 1911, permaneceu Polivánov como um ouvinte da Academia Prática Oriental, na seção dedicada à língua japonesa. Após a sua graduação em 1912, ele foi retido pela universidade junto à Cátedra de Linguística Comparada para preparar a sua dissertação de mestrado (Ларцев, 1988).

É importante destacarmos o fato de que Polivánov teve um engajamento muito

ativo nas questões políticas, sobretudo na Revolução que ocorreu entre fevereiro e outubro de 1917 e instaurou ali a URSS. Lártsiev (Ларцев, 1988) informa-nos que o linguista soviético colaborou diretamente com os bolcheviques, colocando à sua disposição a totalidade do seu conhecimento linguístico. Como nos traz o seu biógrafo (Ларцев, 1988), o próprio Polivánov declarou-se um entusiasta da potencialidade da Revolução e dos frutos possíveis do processo revolucionário: “encarei a revolução como uma revolução do trabalho. Acolhi justamente o trabalho livre e amado, que começou a parecer útil exatamente na situação revolucionária” (Polivánov como citado por Ларцев, 1988, p. 47)⁹. Na mesma linha, Polivánov participou de modo integral de um projeto político que lhe fora insuflado pela necessidade leninista de difusão pública dos tratados secretos da família imperial russa. São essas informações que vêm nos mostrar como o linguista soviético, no início do estabelecimento da Revolução de 1917 e durante a sua consolidação, achava-se envolvido em atividades políticas e públicas, o que nos evidencia, ao mesmo tempo, o caráter relativamente produtivo da relação de Polivánov com o Estado soviético e com o seu governo leninista. Em concomitante, ao linguista soviético foi outorgado um cargo no Commissariado do Povo para as Relações Exteriores [Народный комиссариат иностранных дел], segundo o que é dito por Lártsiev (Ларцев, 1988, p. 48, tradução própria)¹⁰:

Polivánov logo tornou-se o “representante autorizado do Comissário do Povo para as Relações Exteriores, ou seja, o Vice-Comissário do Povo para o Leste” no Commissariado do Povo para as Relações Exteriores. Mais tarde, ele foi substituído por A. N. Voznessiénski. Ie. D. Polivanov encontrava-se enredado em atividades extensas e multifacetadas e tinha uma grande autoridade. I. I. Umniakóv escreveu: “Durante esses anos, trabalhei na Representação

⁹ Em língua original: “Я встретил революцию как революцию труда. Я приветствовал именно свободный любимый труд, который для меня стал рисоваться полезным именно в революционной обстановке”.

¹⁰ Em língua original: “Поливанов вскоре стал в Наркоминделе ‘уполномоченным народного комиссара по иностранным делам, т. е. заместителем наркома по Востоку’. Его потом сменил А. Н. Вознесенский. Е. Д. Поливанов занимался большой и многосторонней деятельностью и имел большой авторитет. И. И. Умняков писал: ‘В эти годы я работал в Полпредстве РСФСР в Бухаре и помню поступавшие иногда из Наркоминдела телеграммы за подписью Поливанова. В моем архиве имеется копия исторического документа, связанного с именем Поливанова. Со времени Октябрьской революции Российское Резидентство (позже полномочное представительство) в Бухаре продолжительное время не имело никаких указаний от Наркомата иностранных дел из Петрограда”.

Plenipotenciária da RSFSR em Bucara¹¹ e me lembro dos telegramas que às vezes chegavam do Comissariado do Povo para as Relações Exteriores, assinados por Polivánov. Em meu arquivo, há uma cópia de um documento histórico associado ao seu nome. Desde a Revolução de Outubro, a Residência Russa (posteriormente Representação Plenipotenciária) em Bucara por um longo período não recebeu instruções do Comissariado do Povo para as Relações Exteriores em Petrogrado”.

Polivánov atuava como o chefe do Setor Oriental da instituição, colaborando assídua e dinamicamente ali com os seus colegas, tal como Ivan A. Zálkind [1885-1928], um diplomata já consolidado. Simultaneamente, participava ele de trabalhos não somente práticos ou técnicos. Em um relato de Zálkind mencionado por Lártsiev (Ларцев, 1988), é demonstrado que ele se prontificou para participar da retomada do controle físico do Ministério de Relações Exteriores.

A notoriedade, porém, possui o seu preço – e às vezes é alto. Em novembro de 1917, o seu protagonismo foi reconhecido com descontentamento pelo jornal *Nácha Rietch* [Наша Речь], em um relato que parece desaprovar que somente Polivánov pudesse encontrar-se encarregado de decifrar os documentos secretos. De tal mês a dezembro do mesmo ano, a equipe de especialistas chefiada pelo linguista soviético organizou e publicou, então, um total de sete coletâneas contendo os documentos secretos de que ficaram responsáveis pela decifração. Com tal trabalho, Polivánov trouxe à tona a plenitude do seu amplo conhecimento linguístico e da sua competência filológica, dado que vários dos textos decifrados foram escritos em línguas diversas.

Fato demasiadamente digno de nota na sua biografia é a sua correspondência imediata, quando do seu desempenho de atividade oficial no Estado soviético, com o líder do Partido Bolchevique que subiu ao poder em 1917: Vladímir I. Lênin [1870-1924]. Isso é corroborado sobretudo pelas informações diretas que nos são oferecidas por Lártsiev (Ларцев, 1988, p. 52, tradução própria)¹²: “Vladimir Ilíich está interessado no andamento do caso... Solicitamos que os primeiros documentos sejam-lhe apresentados”. Assim é que nos deparamos com um tipo de intelectual da ciência que

¹¹ Cidade do Uzbequistão.

¹² Em língua original: “Владимир Ильич интересуется ходом дела... Просим первые же документы представить ему”.

às suas concepções, pronta e voluntariamente, aderiu os efeitos ideológicos da Revolução de 1917. É ele, no momento que marca tal período, tanto uma figura pública, enquanto um funcionário do Estado e um ativista político em prol da causa revolucionária, quanto um acadêmico que à disposição da máquina estatal disponibilizou o seu conhecimento linguístico. Isso, em grande escala, determinou o pensamento científico de Polivánov, fazendo-o buscar a fundação de uma metodologia sociológica que se pudesse ver como a expressão do ideário materialista que ali vigorava. A sua integração ao movimento revolucionário foi tanto menos simbólica quanto menos marginal, o que torna a centralidade da sua participação fundamental para que consigamos dimensionar, portanto, os seus desígnios epistêmicos e metodológicos.

Todavia, a sua situação foi-se transformando gradual, mas drasticamente com o decorrer dos anos. Após a sua atuação engajada nas atividades do Estado soviético, Polivánov, de dada maneira, foi sendo gradativamente proscrito dos trabalhos mais nucleares do funcionamento estatal. Segundo Lártsiev (Ларцев, 1988), Polivánov, em 1921, foi designado para a cidade de Tasquente, no Uzbequistão. Para lá, foi enviado supostamente com o objetivo de servir como um representante do Estado para a atividade de coligação científica na região. O período que se inicia com a sua transferência é comumente tomado como o princípio de uma fase mais complicada da sua vida, em particular pelo seu insulamento em relação às atividades mais centralizadas, que se refeririam às diretas decisões políticas e científicas da capital. Como é trazido por Lártsiev (Ларцев, 1988, p. 62, tradução própria)¹³,

Em agosto de 1921, le. D. Polivánov foi enviado pelo Comintern a Tasquente para estabelecer conexões científicas. Ele permaneceu na Ásia Central até 1926, onde teve a oportunidade de combinar “o seu diverso conhecimento teórico, a rara perspectiva de um linguista com seu brilhante domínio da turquologia e, em especial, da língua uzbeque, que ele transmitiu aos seus alunos com grande inspiração

¹³ Em língua original: “В августе 1921 г. Е. Д. Поливанов был командирован Коминтерном в Ташкент для налаживания научных связей. Он остается в Средней Азии до 1926 г., где получает возможность совместить ‘свои разносторонние теоретические знания, редкий кругозор лингвиста с блестящим владением тюркологией и, в частности, узбекским языком, которые он с таким большим вдохновением передавал здесь своим ученикам в процессе столь нужной, порой малозаметной работы’”.

no processo de um trabalho tão necessário, às vezes discreto”.

Durante a sua estadia no Oriente soviético, Polivánov atuou e lecionou, no entanto, no Instituto Oriental Turquestão. Tornou-se ele professor de diversas disciplinas, como, de acordo com Lártsiev (Ларцев, 1988), linguística geral e comparada, etnografia, língua chinesa e metodologia de pesquisa linguística. Tratava-se de um vasto ambiente de interações culturais, em que o linguista soviético não somente pôde aplicar e demonstrar os seus conhecimentos, mas também desenvolver muitos aspectos da sua reflexão autoral e outros referentes às necessidades de desenvolvimento de métodos realmente sociológicos para a análise e para a explicação da linguagem. A sua experiência diretamente ativa com as línguas ali existentes foi um impulso formativo importante para a sua produção científica como um todo. Na mesma direção, Lártsiev (Ларцев, 1988) aponta que, em 1925, Polivánov desenvolveu e publicou, em coautoria direta de outros linguistas, o primeiro silabário soviético de russo para as crianças das escolas nacionais do Turquestão, o que evidencia também uma preocupação pedagógica por parte do seu proponente (Ларцев, 1988). Esse trabalho didático é considerado uma das máximas expressões das políticas educacionais da URSS, sobretudo por colocar em ênfase a necessidade de fundação de um ensino de línguas a partir de fundamentos científicos a que pudessem aliar-se necessariamente as preocupações sociais. E, já em 1929, Polivánov mudou-se para Samarcanda, cidade em que continuou a desempenhar a docência em eixos diversos (Ларцев, 1988).

Mas, ao longo da década de 1930, houve uma transformação considerável no estatuto de funcionamento da URSS. Após o falecimento de Lênin em 1924, Iósef V. Stálin [1878-1953] pouco a pouco foi assumindo o poder, chegando ao controle integral do Estado soviético ainda no final da década de 1920. Os anos que se seguiram foram brutalmente marcados por uma crescente repressão política, o que era aliado aos vários meios de perseguição, de censura, de ostracismo e de sentenças de morte. Polivánov viu-se então progressivamente posto em grande isolamento, em especial pela sua expressa oposição científica e política ao marxismo linguístico, que se encontrava ideologicamente mais alinhado aos interesses de Stálin. A partir daí,

Polivánov foi sistematicamente deslocado a instituições mais periféricas – cada vez mais para o lado asiático –, como assevera Lártsiev (Ларцев, 1988). Isso não o impediu, todavia, de continuar a sua atividade docente, o seu trabalho linguístico e a publicação dos seus textos.

Exatamente em 1º de agosto 1937 – um dos ápices da repressão stalinista –, Polivánov foi preso na cidade de Frunze¹⁴, no Quirquístão. Pesava sobre o linguista soviético uma série de acusações. Entre elas, achavam-se as que o condenavam por investir contra o programa oficial das ideias do Estado soviético por filiar-se ao trotskismo – alegação nunca confirmada de fato – e por supostamente espionar a URSS para o Japão. Contra essas denúncias, Polivánov defendeu-se e declarou-se inocente em seu julgamento. Mas, infelizmente, foi ele condenado e levado a fuzilamento em 25 de janeiro de 1938. Sobre o ocorrido, complementa o seu biógrafo (Ларцев, 1988, p. 17, tradução própria)¹⁵, “por que ele foi preso? Por que foi ele fuzilado? O investigador, que me pedira uma revisão acerca de Polivánov, necessária para a reabilitação do cientista, só acenou com a mão em resposta a tais perguntas”.

A sua morte prematura trouxe consigo uma série de dificuldades, uma vez que somente uma ínfima parcela da sua obra efetivamente viera a lume. Diversos dos seus textos tiveram a sua publicação interrompida e inúmeros dos seus manuscritos desapareceram. Houve, assim, uma sistemática perseguição a tudo o que produzira Polivánov, em termos de uma contante tentativa de apagamento do seu legado científico. Como ainda informa Lártsiev (Ларцев, 1988, p. 17, tradução própria)¹⁶: “logo após o seu falecimento, os seus muitos manuscritos foram vendidos no mercado de Frunze”. Apenas em 3 de abril de 1963 é que foi o linguista soviético reabilitado. Segundo o que nos é contado pelo seu biógrafo, a resolução do Plenário da Suprema Corte da URSS anulou a sentença que o condenara em 25 de janeiro de 1938, sob o visível reconhecimento da inexistência de quaisquer crimes por parte de Polivánov.

¹⁴ Atualmente chamada de Biskeque.

¹⁵ Em língua original: “За что он был арестован? Почему расстрелян? Следовательно, просивший у меня отзыв о Поливанове, необходимый для реабилитации ученого, в ответ на эти вопросы только махнул рукой”.

¹⁶ Em língua original: “Вскоре после смерти Поливанова его рукописи продавались во Фрунзе на базаре”.

Nos dizeres de Lártsiev (Ларцев, 1988, p. 129, tradução própria)¹⁷ a respeito do assunto,

lu. Ianchánsin tira de sua pasta, aparentemente elaborada há pouco (como ele tratou dos documentos com tanta diligência!), uma resposta do Ministério Público da URSS datada de 4 de abril de 1963, que declara que, pouco depois de um protesto do Procurador Geral da URSS, o caso contra o professor Ievguêni Dimítrievitch Polivánov foi revisado. Pela resolução do Plenário da Suprema Corte da URSS de 3 de abril de 1963, o veredito da sessão de visita do Colegiado Militar da Suprema Corte da URSS de 25 de abril de 1938 em que fora julgado o caso de Ie. D. Polivánov foi anulado e foi definitivamente encerrado com base na ausência de *corpus delicti* em suas ações. O professor Ievguêni Dimítrievitch Polivánov foi integralmente reabilitado.

E, como mostramos no princípio da presente seção, a redescoberta do pensamento de Polivánov deu-se no ano seguinte, em setembro de 1964, na conferência que ocorreu em Samarcanda. Como uma espécie de efeito das discussões ali ocorridas, publicou-se em 1968 um conjunto dos seus textos sob o título de *Artigos sobre linguística geral* [Статьи по общему языкознанию] (Поливанов, 1968) pela editora *Hayka* [Наука]. Depois, foram pouco a pouco sendo tornados públicos os seus outros textos, o que foi igualmente acompanhado por um tipo de efervescência científica em torno das suas ideias linguísticas. Como é evidenciado pelo seu biógrafo, mais de 120 artigos foram publicados pouco após a conferência de Samarcanda, e isso vem confirmar a importância exorbitante e a qualidade ímpar das suas concepções linguísticas.

Feitas tais considerações biográficas a respeito de Polivánov, cabe-nos agora tratar, de maneira minimamente adequada que seja, dos termos mais essenciais das suas concepções linguísticas, em particular das que versam sobre os seus intentos

¹⁷ Em língua original: “Ю. Яншансин достаёт из папки как будто только отпечатанный на машинке (так бережно он относился к этому документу!) ответ Прокуратуры СССР от 4 апреля 1963 г., в котором сообщается, что по протесту Генерального прокурора Союза ССР дело по обвинению профессора Поливанова Евгения Дмитриевича пересмотрено. Постановлением Пленума Верховного суда СССР от 3 апреля 1963 года приговор выездной сессии Военной Коллегии Верховного Суда СССР от 25 апреля 1938 года по делу Поливанова Е. Д. отменен и дело производством прекращено за отсутствием в его действиях состава преступления. Профессор Поливанов Евгений Дмитриевич полностью реабилитирован”.

de fundar um método sociológico na ciência da linguagem que estivesse em acordo com os fundamentos do materialismo. Na sequência, deveremos lidar com a sua concepção sobre o fenômeno da mudança linguística. Mas, como um tipo de prefácio à abordagem particular de Polivánov, precisamos entender o horizonte epistêmico em que é situada a sua atividade científica, o que abordaremos a seguir ao tratarmos do movimento sociológico na linguística soviética. Portanto, passemos ao próximo tópico.

3. Um sucinto noticiário historiográfico: o movimento sociológico na linguística soviética entre a década de 1920 e a de 1930

Aqui, avaliamos como de inalienável necessidade que, antes de entrarmos de maneira mais detidamente analítica no universo epistêmico das ideias linguísticas do linguista soviético, busquemos compreender uma parte fundamental do horizonte de conhecimento em que se insere integralmente a sua visada sociológica. Em especial, ater-nos-emos ao que podemos nomear, sob o amparo das investigações historiográficas de Lähteenmäki (2010), de movimento sociológico na ciência da linguagem da URSS entre a década de 1920 e a de 1930, o período de maior produção científica de Polivánov. Assim, é preciso que nos perguntemos agora: o que é esse sociologismo e como pode ser ele definido?

Lähteenmäki (2010) é prontamente direto, em seu texto *Sociology in Soviet Linguistics of the 1920-30s: Shor, Polivanov and Voloshinov*, quanto a uma aura sociológica na ciência da linguagem da URSS entre as décadas acima referidas. Tal como esclarece o autor, tornou-se axiomáticamente assumido na linguística soviética da época uma concepção que versa, em termos teoricamente mais amplos, sobre a linguagem enquanto um fenômeno social. Como é dito por ele, “existia uma diversidade de perspectivas a respeito da linguagem e a função da ‘sociologia’ na descrição e na explicação dos fenômenos linguísticos” (Lähteenmäki, 2010, p. 36, tradução própria)¹⁸. Como consequência, decorreram daí os desígnios mediante os

¹⁸ Em língua original: “There existed a diversity of views regarding language and the role of ‘sociology’ in the description and explanation of linguistic phenomena”.

que inúmeros linguistas procuraram propor meios metodologicamente mais adequados de análise da linguagem enquanto um objeto que em si é constituído, implicado e atravessado por fatores sociais. A mudança que se principiou, todavia, pode ser lastreada nas ideias linguísticas de outros que produziram antes, tais como, mostra Brandist (2006), Chákhmatov e Baudouin de Courtenay, cujas teorias, conquanto ainda bastante próximas do comparatismo novecentista ou de um formalismo linguístico – no caso do último, em especial – que ajudaram a instituir, prenunciavam uma tendência às análises sociológicas dos fenômenos linguísticos. Porém, há uma virada epistêmica bastante considerável na aurora da década de 1920, em particular profundamente consequente da Revolução de 1917 e da sistematização da disciplina sociológica (Brandist, 2006; Lähteenmäki, 2010).

A transformação radical ali operada, é dito ainda por Lähteenmäki (2010), trata-se de um efeito também de outros fatores que se conjugavam com as consequências revolucionárias. Em primeiro lugar, houve, é fato, uma considerável alteração no regime socioeconômico da sociedade soviética graças à Revolução. Os produtos pós-revolucionários diretamente atingiram tanto a língua russa estudada – passaram a dedicar-se muito à fala, e não mais apenas ao texto filológico como costumeiramente era feito no comparatismo em geral –, quanto as concepções sobre a relação entre a linguagem, as línguas e as estruturas da sociedade em que elas se manifestam. Além do mais, houve de igual forma a constituição de um empenho deliberado por parte dos linguistas da época em desenvolver uma espécie de abordagem científica que pudesse ser de fato marxista, o que se aliou intencionalmente com uma atividade de análise dialetológica e sociolinguística que se voltava, em específico, à necessidade de construção de alfabetos para as línguas até então acessíveis por meio unicamente oral e perceptual.

Ao mesmo tempo, enfatiza Lähteenmäki (2010) que a alvorada do século XX tornou-se propícia ao desenvolvimento de estudos sociais dos fenômenos linguísticos. Aqui, podemos ver como o movimento sociológico na ciência da linguagem da URSS achava-se motivado, como também dizem Villarta-Neder e Castro Dias (2023), por ideais de um *projeto ideológico*, encabeçado e sustentado pelas reflexões de pensadores marxistas influentes como Georgi V. Plekhánov [1856-1918] e Nikolai I.

Bukhárin [1888-1938], tanto quanto por princípios de um certo *itinerário epistemológico* que lhe parece ser intrínseco. Tratava-se de um programa que não só assumia os predicados do marxismo vigente, mas também dialogava imediata e prontamente com as vertentes da sociologia ocidental que ali encontraram adeptos e terreno fértil, sobretudo por meio dos trabalhos de linguistas que acederam aos seus fundamentos, como o francês Antoine de Meillet [1866-1936]¹⁹. Isso torna tal sociologismo epistemicamente variado em seu princípio, o que se foi alterando de maneira paulatina graças a uma centralização cada vez maior do ideário marxista (Lähteenmäki, 2010).

Conjuntamente, houve uma ampliação muito significativa na compreensão do estudo das causas sociais da linguagem e o seu impacto no desenvolvimento e na organização das línguas, não mais somente reduzida, fala Lähteenmäki (2010), à tese do *caráter de classe* dos fenômenos linguísticos tal como era defendida, por exemplo, por Marr. Daí que, “no final da década de 1920, a ideia de que a linguagem se trata de um fenômeno social e que vários fenômenos linguísticos podem receber uma explicação sociológica tornou-se um lugar-comum na linguística soviética”, afirma Lähteenmäki (2010, p. 35, tradução própria)²⁰.

Houve também um movimento paralelo que contribuiu intimamente para o estabelecimento do espírito sociológico na ciência soviética da linguagem: a institucionalização da sociologia na URSS. Na toada da gênese, do desenvolvimento e da estabilização dessa disciplina na Europa, a sociologia russa e soviética viu-se semelhantemente ante a mesma necessidade científica. Ela, contudo, buscava instituir-se antes mesmo da eclosão da Revolução de 1917, como acentua

¹⁹ Meillet era um ativo correspondente, desde o final do século XIX, de instituições de ensino superior na Rússia, além de ter mantido contato direto com inúmeros linguistas russos ou ligados à tradição russa, como Baudouin de Courtenay. Como indica Brandist (2006), o linguista francês tornou-se membro da Academia Russa de Ciências em 1906, o que, em primeiro lugar, afasta o nosso entendimento de um suposto isolacionismo da linguística russa e soviética em relação à europeia e, em segundo, da ausência de influências reciprocamente possíveis. Ainda, é digno que mencionemos que a perspectiva sociológica de Meillet possuiu um número de simpatizantes ou de partidários entre os linguistas soviéticos, tal como R. O. Chor. Para mais informações sobre o assunto, cf. Brandist (2006) e Lähteenmäki (2010).

²⁰ Em língua original: “By the late 1920s the idea that language is a social phenomenon and various linguistic phenomena can be given a sociological explanation had become a commonplace in Soviet linguistics”.

Lähteenmäki (2010). Já na Rússia pré-revolucionária, havia um esforço considerável para que se estabelecessem as bases teóricas e metodológicas de uma sociologia, o que se relacionava com um ímpeto rumo à sua determinação epistemológica como uma disciplina independente. Entretanto, é fato incontornável que a sua institucionalização esteve fortemente ligada ao movimento desencadeado pela Revolução, e isso a tornou, de modo *quase* obrigatório, cada vez mais propensa ao roteiro marxista.

No quadro das movimentações que provocaram as alterações nos rumos das diferentes ciências humanas da URSS, nomes como os já citados aqui – Plekhánov, Bukhárin e Lênin – acabaram por adquirir destaque por se proporem, intencionalmente ou não, como modelos de reformuladores ideológicos de muitas proposições que iniciaram a mudança dos caminhos por que começaram a enveredar-se as muitas humanidades. Tal foi o grande momento da viragem sociológica, em que dados intelectuais acabaram por ganhar uma imódica notoriedade, como é o caso do mencionado Bukhárin, cuja teoria propunha, mostra Lähteenmäki (2010), identificar a sociologia de cunho marxista com o próprio *materialismo histórico-dialético*. Contudo, a sua perspectiva foi cada vez menos aderida graças ao seu *mecanicismo cientificista*, sendo pouco a pouco deixada à margem em prol de entendimentos mais dialéticos e menos deterministas, como o professado por Abrám M. Debórin [1881-1963], um pensador marxista que passou a exercer uma influência considerável na URSS (Lähteenmäki, 2010).

É manifesto, por conseguinte, que, fora do circuito especificamente epistêmico que deu uma gama importante de subsídios epistêmicos à estruturação do movimento sociológico, foi a Revolução de 1917 o principal impulso, como é destacado Brandist (2006), que propiciou, devido especialmente ao seu impacto ideológica, política, econômica e socialmente imediato, o desenvolvimento gradativo de muitas das preocupações teóricas e metodológicas que acabaram por ocupar a cena científica e prática da vasta ciência da linguagem na conjuntura pós-revolucionária. Deu-se isso, em grande parte, na exata medida em que “[...] as condições específicas acarretadas pela Revolução deram à fusão das ciências linguísticas e sociais uma inflexão particularmente aguda, e as perspectivas sociológicas do resto da Europa foram

rápida e criticamente assimiladas à luz das tradições linguísticas autóctones” (Brandist, 2006, p. 261, tradução própria)²¹.

Em paralelo, passaram a surgir, em ritmo crescente, atitudes institucionais que punham oficialmente em desenvolvimento programas de investigação linguística em que um dos objetivos mais fundamentais era, por exemplo, o de propor uma compreensão sociológica das relações entre a língua e as injunções superestruturais, intensamente conexa às conformações da base socioeconômica. Havia também o entendimento, como dito, da existência dos diferentes dialetos tendo como princípio norteador a delimitação das causas particularmente sociais implicadas no processo da sua constituição, da sua consolidação e da sua transformação. Por conseguinte, isso pode ser visto como um efeito refratado dos ideais cultivados pelo movimento revolucionário que buscava ali instaurar o socialismo, já que, tal como diz Lähteenmäki (2010, p. 35, tradução própria)²², “[...] as dramáticas mudanças sociais e econômicas ocasionadas pela Revolução refletiram-se na língua russa, tornando evidente o quanto a língua e a sociedade se encontram intimamente conectadas”. Concomitantemente, como complementa Ivanova (2015, p. 8),

Esta época foi marcada, por um lado, pelo surgimento na Rússia da fisiologia, da psicologia, da sociologia e da crítica literária como ciências plenas, ou seja, como disciplinas dotadas de seus próprios objetos, por outro, pelo surgimento de novos campos de investigação, a exemplo da psicologia social, da poética, da psicolinguística. Ao mesmo tempo, o marxismo foi introduzido nos estudos científicos, inicialmente como teoria filosófica, depois, como ideologia oficial.

Especialmente na linguística, vários nomes poderiam ser aqui tomados como referências. Para os fins a que aqui almejamos, os mais exemplares são os cujas concepções são apreciadas por Lähteenmäki (2010): R. O. Chor, Ie. D. Polivánov e V. N. Volóchinov. A primeira, como dito brevemente em nota, aliou-se a um sociologismo

²¹ Em língua original: “[...] the specific conditions brought about by the Revolution gave the fusion of linguistic and social sciences a particularly acute inflection there, and sociological perspectives from the rest of Europe were swiftly and critically assimilated in the light of indigenous linguistic traditions”.

²² Em língua original: “[...] the dramatic social and economic changes caused by the Revolution were reflected in the Russian language, thus making it evident that language and society are intimately connected”.

de tipo francês, cujo maior representante na linguística, à época, certamente era Meillet, que teve as suas ideias divulgadas por Chor na URSS – que também, aliás, dedicou-se à difusão da linguística saussureana (Lähteenmäki, 2010). Mas a sua postura, como elucida Lähteenmäki (2010), foi bastante ambígua: se, em um primeiro golpe de instituição das suas ideias, aproximou-se dos franceses, a linguista soviética logo depois acabou por afastar-se do que eles propuseram, e isso provavelmente se deve à falta de maior entusiasmo da recepção soviética em relação à tradição francesa, uma vez que as suas “considerações teóricas baseadas na sociologia durkheimiana não despertaram um interesse significativo entre os linguistas soviéticos” (Lähteenmäki, 2010, p. 40, tradução própria)²³. Uma obra representativa do seu posicionamento linguístico trata-se de *Língua e sociedade* [Язык и общество], publicada em 1926. É um texto de Chor que evidentemente expressa a sua filiação a certas teses de Meillet (Шоп, 2010 [1926]).

Além da linguística de Chor, Lähteenmäki (2010) também aborda a teoria de Volóchinov, um pensador para ele assaz peculiar sobretudo por ter promovido um deslocamento do debate sobre os fenômenos da linguagem do eixo do domínio da Linguística para o da Filosofia. É sobremodo difícil, nos seus termos mais centrais, conceder uma definição unidirecional e inequívoca das fontes do sociologismo volochinoviano, em especial por ele ter assumido um conjunto de fundamentos e de premissas de diferentes tradições, não somente de vertentes marxistas²⁴, que vão do idealismo alemão – Wilhelm von Humboldt [1767-1835], por exemplo –, passando pelo neokantismo e pela fenomenologia alemãs e russas, até os materialistas propriamente ditos (Волошинов, 1993 [1929]; Volóchinov, 2017 [1929])²⁵. É evidente, porém, que a sua filosofia da linguagem trata-se de uma das máximas expressões de um espírito sociológico, principalmente pelo seu *primado filosófico da interação social*, que é muito claro na essência interindividual do enunciado, do signo ideológico e da consciência (Волошинов, 1993 [1929]; Volóchinov, 2017 [1929]; Villarta-Neder; Castro Dias, 2023).

²³ Em língua original: “theoretical considerations based on Durkheimian sociology did not arouse significant interest among Soviet linguists”.

²⁴ Fazê-lo é um trabalho à parte, digno de uma discussão minuciosa que seja capaz de lastrear as origens e os diálogos que deram fundamentos para a constituição da teoria filosófica de Volóchinov.

²⁵ Para um entendimento mais pormenorizado das fontes volochinovianas, cf. Grillo (2017).

Ademais, podemos referenciar ainda nomes como o de Liev P. Jakubínski [1892-1945], grandemente importante para um vasto grupo de outros linguistas da sua época. Uma das suas obras de impacto é *Do discurso dialógico* (О диалогической речи)²⁶ e foi publicado em 1923, produzindo uma influência sobre muitos dos seus contemporâneos, como Volóchinov. Um outro nome digno de menção é o de Mikhail N. Petersón [1885-1962], um representante da *Escola Linguística de Moscou* [Московская лингвистическая школа]. Assim como Chor, Petersón parece não ter recorrido imediatamente à doutrina marxista para desenvolver as suas concepções. Ele, bem como a sua contemporânea citada, baseou-se no sociologismo linguístico de Meillet e, por decorrência, na linha sociológica de Émile Durkheim [1858-1917]. Uma parte dos seus textos trata de problemas sintáticos da sua língua de origem, como é o caso do denominado *Ensaio sobre a sintaxe da língua russa* [Очерк синтаксиса русского языка], tornado público no ano de 1923 (Петерсон, 1923).

E, semelhantemente, é apontada como uma expressão do sociologismo vigente entre 1920 e 1930 na linguística soviética a teoria proposta por Polivánov, de que nos ocuparemos em partes a partir de agora. Tentaremos esclarecer como ela exprime um certo ideário marxista, em termos de uma marca do projeto ideológico a que nos referimos, a que vem se unir, como também dissemos, um certo itinerário epistemológico. Assim é que, à luz do que é discutido por Lähteenmäki (2010), dedicaremos a nossa atenção a seguir às ideias polivanovianas.

4. Uma visão panorâmica do projeto programático de linguística marxista de Polivánov e as bases materialistas do seu entendimento dos processos de mudança da língua

É grandemente problemático qualquer tipo de tratamento de um teoria científica tendo em vista a sua imensidão teórica e metodológica, sobretudo nos limites de um artigo. Quando se trata de uma como a de Polivánov, os perigos e os engodos tornam-

²⁶ Temos uma tradução indireta do texto de Jakubínski para o português realizada por Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez, com o título *Sobre a fala dialogal* (Jakubinskij, 2015 [1923]). Para os interessados, é uma boa obra para uma inserção no universo das ideias do seu autor.

se ainda muito maiores, tanto pelo seu caráter verticalmente complexo, quanto pela horizontalidade que lhe é inerente, dado que diversos foram os domínios da ciência da linguagem em que o linguista soviético empreendeu a sua atividade científica, tal como anteriormente afirmamos. Por esses motivos, aqui nos dedicaremos somente a poucos textos específicos de Polivánov, com a finalidade de dar centralidade à sua visão sociológica, deixando de lado, por exemplo, o que propusera ele sobre as línguas orientais e as questões de linguística geral, assunto de que buscaremos tratar em outros dos nossos trabalhos futuros.

Lähteenmäki (2010), a propósito, assinala como a linguística de Polivánov parece se contrastar com a de muitos dos seus contemporâneos, exatamente por ter sido ele, desde o princípio, um árduo defensor do rigor científico. Profundamente influenciado pelo *empiriocriticismo* do marxismo leninista, Polivánov decerto produziu uma teoria em que, embora radical em suas proposições, exprime uma moderação epistêmica. Em tal quadro, o linguista soviético encarava a sua tarefa de fundação dos princípios metodológicos de uma linguística sociológica como um tipo de trabalho progressivo, isto é, como um projeto programático, alegando ele que, até o instante hodierno em que se deu o início da sua atividade científica, não havia uma teoria de fato marxista na Linguística. Quanto à sua postura metodológica, Lähteenmäki (2010) comenta que Polivánov era avesso a qualquer tentativa de negação absoluta do valor científico da tradição do seu campo, o que inclui as concepções do comparatismo oitocentista. Assim é que ele “[...] não via as escolas histórico-comparatistas e neogramáticas e uma nova abordagem marxista como mutuamente excludentes” (Lähteenmäki, 2010, p. 43, tradução própria)²⁷. Contrariamente, o linguista soviético via com maus olhos as exacerbações sociologizantes e parecia compartilhar uma interpretação mais dinâmica e dialética do problema da causalidade implicado na compreensão das origens sociais da variação e da mudanças das línguas (Lähteenmäki, 2010).

É sobretudo na sua obra *Por uma linguística marxista* [За марксистское

²⁷ Em língua original: “[...] did not see the earlier historical-comparative and Neo-Grammarian schools and a new Marxist approach as mutually exclusive”.

языкознание] (Поливанов, 1931) que podemos encontrar mais claramente as posições epistêmicas a partir de que se dedicou Polivánov a fundamentar a sua metodologia sociológica. No texto preambular da sua obra – chamado *Em vez de um prefácio* [Вместо предисловия] –, o linguista soviético procura discutir as questões pertinentes à indispensabilidade de desenvolvimento de um método de análise e de explicação dos objetos da ciência da linguagem que pudesse ver-se efetivamente imantado no espírito científico do marxismo. Ali, ele deseja a fundamentação, portanto, de uma linguística marxista que necessariamente viesse a operar com um conjunto de fundamentos e de conceitos que lhe foi legado pelo materialismo, o que demandava, no seu entendimento, uma denegação dos pressupostos do marxismo linguístico, como é elucidado por Lártsiev (Ларцев, 1988).

Embora tenha expressado objetivamente a sua posição científica em *Por uma linguística marxista* (Поливанов, 1931), o seu biógrafo comprova-nos que o interesse de Polivánov quanto à instituição de um método marxistamente sociológico na ciência da linguagem vinha desde a sua atividade intelectual na década de 1920. Exatamente em 4 de fevereiro de 1929, o linguista soviético externou as suas primeiras ideias sobre tais temas em uma conferência por ele proferida na sede da *Academia Comunista*, na seção de *Linguística Materialista* (Ларцев, 1988). Sobre o ocorrido, Lártsiev (Ларцев, 1988) entende tê-lo sido um marco na história da ciência soviética da linguagem, tanto, em primeiro lugar, pela sua explícita oposição às concepções vigentes de seu opositor Marr, quanto, em segundo, pelo seu alto grau de rigor metodológico. O título da sua palestra não nos deixa dúvidas a respeito de ambos os pontos: ela se chama *O problema da linguística marxista e a teoria jafética* [Проблема марксистского языкознания и яфетическая теория] (Ларцев, 1988; Поливанов, 1991b [1929]).

Com ela, Polivánov tornou pública a sua crítica ao marxismo, de cujo propositore, todavia, ele reconhece os devidos méritos – arqueológica e gramaticalmente. Mas o linguista soviético passa, em seguida, a desconstruí-la de tal maneira a evidenciá-la como uma inteira construção pseudocientífica, com ataques muito agudos a Marr: “o conceito jafético e a terminologia jafética que lhe é inerente são tão ingênuos e tão turbados que revelam a ausência de treinamento fonético do seu autor” (Polivánov

como citado por Ларцев, 1988, p. 80, tradução própria)²⁸. O que é demasiadamente interessante na sua crítica se trata do fato de não limitar-se aos traços teóricos e metodológicos da linguística marrista, mas estender-se de igual maneira à legitimação política e ideológica que parecia envolvê-la, como uma tentativa de transformá-la na única via marxista de pensamento linguístico. Como é trazido pelo seu biógrafo, “por que cientistas sérios não discutem com Marr? – questiona o orador. Marr é comboiado sobretudo por representantes de outras especialidades, já que as conclusões marxistas são-lhes tentadoras e não conseguem verificar a sua fundamentação linguística” (Ларцев, 1988, p. 81, tradução própria)²⁹.

Na segunda parte da sua conferência, Polivánov então progressivamente visa a propor e a desenvolver os fundamentos e os princípios da que entende como uma metodologia marxista de estudo da linguagem, com o amparo de determinados pressupostos do materialismo axiomáticamente assumidos por ele, tais como: a) o de que os fenômenos da linguagem, assim como ela mesma, carecem ser analisados e compreendidos em seu aspecto de atividade coletiva de trabalho; b) o de que é imprescindível haver uma investigação das relações entre os fatos linguísticos e as questões implicadas na base econômica da sociedade; e c) o de que uma linguística marxista jamais pode alienar-se da herança que lhe foi concedida por tradições anteriores, já que ela deve partir das conquistas alcançadas por cada teoria, e não vir a rejeitá-las a partir de uma postura dogmática (Ларцев, 1988).

Como é afirmado pelo próprio linguista, “a metodologia da linguística marxista carecerá ser criada à medida que a própria linguística marxista se desenvolver, mas as exigências fundamentais que os marxistas podem e precisam fazer a qualquer categoria de trabalho linguístico podem ser agora formuladas” (Polivánov como citado por Ларцев, 1988, p. 82, tradução própria)³⁰. E, tal como é facilmente previsível, as

²⁸ Em língua original: “Яфетическая концепция и связанная с нею яфетическая терминология настолько наивны и в них столько путаницы, что это обнаруживает отсутствие фонетической выучки у автора”.

²⁹ Em língua original: “Почему же серьезные ученые не полемизируют с Марром? – задает вопрос докладчик. К Марру примыкают в основном представители других специальностей, поскольку марксистские выводы для них соблазнительны и поскольку они не в силах проверить их лингвистического фундамента”.

³⁰ Em língua original: “Методология марксистской лингвистики будет создаваться по мере роста самой марксистской лингвистики, но основные требования, которые марксистами могут и должны

consequências da conferência ministrada por Polivánov não lhe foram as melhores. A resposta institucional foi ainda mais severa e sobre o linguista soviético recaiu o peso do isolamento sistemático, como antes vimos – “após, Polivánov foi removido de todos Mas o que de fato há explicitamente no seu texto prefacial? O linguista soviético o começa com uma pergunta mais do que objetiva: “há uma linguística marxista? A resposta, francamente falando, deve ser: não, ela ainda não existe” (Поливанов, 1931, p. 3, tradução própria)³¹.

A partir daí, o linguista soviético adota uma posição cientificamente aguda e crítica, sob uma recusa ininterrupta de quaisquer tipos de impostura ideológica que pudessem tanto vir a impedi-lo de manter-se autônomo no movimento de fundação de um método marxista, quanto coagi-lo a aceitar o que lhe estava à disposição. Assim é que, mesmo compreendendo que possivelmente havia na tradição clássica do marxismo uma série de assertivas verdadeiras e legítimas sobre as problemáticas da linguagem, da mesma forma como havia na herança das escolas sociológicas do Ocidente outras que poderiam vir a cooperar com o empreendimento de estruturação de uma ciência marxista da linguagem, quaisquer das suas colocações, no contexto da sua perspectiva, representava, na realidade, uma impossibilidade de construção teórica e metodologicamente substancial (Поливанов, 1931). Contudo, Polivánov mantém em relação ao legado existente da linguística russa uma atitude respeitosa, reconhecendo a sua potencialidade epistêmica em termos de uma reflexão científica cujas teses e cujos fundamentos possuiriam muito mais a oferecer à constituição de uma linguística marxista do que a tradição ocidental, sobretudo a *Escola de Kazan* de Baudouin de Courtenay. Tal como diz ele,

É por essa razão que, para o problema da linguística marxista, mesmo os produtos linguísticos mais gerais de nossos cientistas (em particular, a escola de Baudouin [de Courtenay]), que geralmente não eram arrolados como uma “escola sociológica” ou com atributos que lhe dessem uma “direção sociológica”, podem acabar predominantemente sendo mais úteis (como material de origem!) em comparação com as

быть предъявляемы к любой из категорий лингвистических работ, могут быть сформулированы и сейчас”.

³¹ Em língua original: “Существует ли марксистское языкознание? На это, говоря прямо, следует ответить: нет, пока не существует”.

“escolas sociológicas” do Ocidente (Поливанов, 1931, p. 4, tradução própria)³².

Como decorrência da sua concepção, há que, por mais que reconheça não existir ali uma escola marxista consolidada nos estudos linguísticos, já havia no seio de tal herança se constituído um conjunto pequeno, mas expressivo de linguistas com condições epistêmicas e técnicas que poderiam dizer-se suficientes e adequadas ao diálogo criticamente formativo em direção a uma linguística materialista e, logo, a uma superação de um dogmatismo na ciência da linguagem. Na linha das atividades imediatas para a fundamentação de um método marxistamente sociológico na Linguística, enfatiza Polivánov (Поливанов, 1931) que, em nenhum instante, a tarefa principal pode desviar-se das demandas concretas advindas da situação soviética em que se achava. Daí a razão de ele afirmar que “é impossível, portanto, ser tão apenas um teórico; a realidade do quadro à disposição insta-nos à indispensabilidade de simultaneamente sermos um teórico, um político da linguagem e também simplesmente um pesquisador” (Поливанов, 1931, p. 6, tradução própria)³³. A sua postura é, aliás, bastante confessional, uma vez que, como vimos, ele em si reunia as três dimensões a que se refere.

Logo após as considerações gerais que apresenta no escrito de prefácio à sua obra, é bastante claro que um dos textos mais fundamentais para que entendamos a matéria de que trata Polivánov quando se refere à sua visão sociológica da mudança linguística é o seu terceiro capítulo, cujo título é *Onde estão as causas da evolução linguística?* [Где лежат причины языковой эволюции?] (Поливанов, 1931). É um texto, evidentemente, de caráter programático, que, ao lado do seu prefácio e da conferência proferida pelo linguista soviético em 1929, compõe, ao mesmo tempo, a dimensão projetiva do seu programa de fundação de uma linguística marxista, agora

³² Em língua original: “Вот почему оказывается, что для проблемы марксистского языковедения преимущественно-полезной (на правах исходного материала!), по сравнению с социологическими школами Запада, может оказаться та даже общелингвистическая продукция наших ученых (в частности бодуэновской школы), которую и не принято было наделять ярлыком ‘социологической школы’ или относить к ‘социологическому направлению’”.

³³ Em língua original: “Нельзя, следовательно, быть только теоретиком; учет наличных кадров диктует нам необходимость быть одновременно и теоретиком, и языковым политиком, и даже просто обследователем”.

no domínio de uma problemática específica dos estudos linguísticos. Trata-se de uma tentativa articulada, portanto, de metodologicamente explicar e de definir, a partir dos termos gerais da sua visão sociológica, os mecanismos e os meios de gênese, de desenvolvimento e de concretização do fenômeno da mudança linguística³⁴. O que é interessante na proposição inicial de Polivánov é o seu ponto de partida: ele procura pôr e debater o problema em questão a partir de um entendimento *aparentemente* inócuo. A problemática é a seguinte: se cada geração de falantes de uma determinada comunidade aprende a sua língua com os seus da geração anterior, como pode haver a mudança linguística? O seu questionamento é acompanhado, ao mesmo tempo, de uma constatação empírica, qual seja, a de que, independentemente da percepção – e da vontade – individual de um falante, a *língua muda* (Поливанов, 1931).

Conquanto pareça ingênua, a pergunta trazida à sua discussão por Polivánov é por si totalmente legítima da perspectiva epistemológica da ciência em cujo âmago é ela proposta. Se a sua origem encontra-se na compreensão corriqueira e cotidiana de qualquer falante de uma língua que sobre ela possa exercer uma breve reflexão, a sua resposta plena e adequada só poderia vir, na compreensão do linguista soviético, da ciência da linguagem e, sobretudo, de uma linguística materialista em termos mais estritos. E então o primeiro critério metodológico para tal é o a que anteriormente nos referimos, constitutivo da palestra que ministrara em 1929: a linguagem, de um lugar analítico e investigativo de base marxista, deve ser abordada como uma *atividade coletiva*, ou seja, como trabalho.

Assim sendo, a língua, enquanto o resultado da linguagem no sentido de uma atividade coletiva, em si exprime e concretiza *dialeticamente* uma série de transformações desencadeadas nos grupos da sociedade a que se acha necessariamente vinculada. Segundo Polivánov, a modificação de uma língua, por mais que empiricamente possa ser constatada por uma ponderação ordinária ou por uma análise mais detida e aguda,

³⁴ É pela existência na URSS de discussões assim que Brandist (2003; 2006) demonstra que a sociolinguística, enquanto um conjunto de reflexões que analisam, discutem e determinam as causas ou as razões da variação e da mudança e as relações entre a linguagem, as línguas e as estruturas sociais, já era existente muito antes mesmo dos conhecidos estudos sociolinguísticos do Ocidente, que vieram à tona entre a década de 1950 e a de 1960. Aponta o pesquisador que inúmeros foram os linguistas soviéticos que tematizaram e debateram tais problemas linguísticos e as temáticas que lhes são ínsitas ou correlatas. Para mais informações, cf. Brandist (2003; 2006).

não é por si um fato científico dotado de evidência. E isso porque, tal como é visto pelo linguista soviético, a lei objetiva que aí se encontra implicada é a da atividade contínua, tanto individual quanto coletiva, de reprodução e de imitação das normas de uso da língua, e não o contrário, o que não impossibilita, de maneira paradoxal, de haver, por vias de caráter social e não imediatamente dadas à clareza da consciência, a sua mudança. Em seus próprios dizeres, ele afirma que,

[...] na evolução da língua em geral, na forma de uma lei universal, achamos uma tendência coletiva à imitação dos representantes médios do sistema linguístico, e não à sua modificação, pois, de outro modo, a nova geração encontrar-se-ia ameaçada com a perda da possibilidade de utilização da língua como um meio de comunicação com a geração anterior (Поливанов, 1931, p. 37, tradução própria)³⁵

Sendo assim, como então seria produzida a transformação da língua e por que motivações sociais ela acontece mesmo à revelia da atividade imitativa e da vontade individual? A partir do *princípio coletivista* a que acede de uma perspectiva marxista, Polivánov identifica que a razão empírica da mudança de uma língua não está em uma ruptura eminente ou em uma descontinuidade abrupta. Ao contrário, ela está em uma *concentração gradativa de efeitos das mínimas modificações coletivas da língua no decurso do tempo*, cuja força real tão somente se manifesta aos olhos do linguista em retrospecto histórico. Em casos ainda, por exemplo, em que as alterações fonéticas e morfológicas em graus imperceptíveis de uma certa língua possam de fato mostrar-se diminutas e insignificantes no seio de uma e mesma geração, a sua somatória, ao longo dos anos e das épocas, pode tornar-se responsável pela condução da língua a uma outra constituição paradigmática, causando, na sua estrutura, reformulações mais ou menos radicais e significativas (Поливанов, 1931). Logo, nas palavras do linguista soviético,

[...] podemos inferir que, em cada estágio particular da sucessão

³⁵ Em língua original: “[...] в эволюции языка вообще, в виде общей нормы, мы встречаемся с коллективным намерением подражать представителям копируемой языковой системы, а не видоизменять ее, ибо в противном случае новому поколению грозила бы утрата возможности пользоваться языком как средством коммуникации со старшим поколением”.

linguística, ocorrem apenas modificações parciais e relativamente exíguas, e que os resultados importantes – tal como a transformação fundamental da estrutura fonética e morfológica como as que achamos no latim e no francês (ou, por exemplo, no chinês antigo e no moderno) – são concebíveis só em termos de soma de várias mudanças pequenas acumuladas ao longo de muitos séculos ou mesmo milênios, durante os quais cada estágio particular ou cada caso singular da transmissão sucessiva da língua (de geração para geração) trouxe somente transformações imperceptíveis ou quase inapreensíveis no sistema linguístico (Поливанов, 1931, p. 40-41, tradução própria)³⁶.

É, ao mesmo tempo, proposto por Polivánov, em sentido bastante idiossincrático em comparação com a mesma concepção advinda da tradição linguística, um outro princípio, mais ligado às questões de configuração e de funcionamento do organismo individual: o da lei de *economia psíquica e fisiológica no exercício da atividade da linguagem*, a que o linguista soviético outorga o nome de “*preguiça humana*” [лень человеческая (*lien tcheloviétcheskaia*)] – uma expressão utilizada por ele, como parece muito evidente, em sentido não pejorativo ou depreciativo. É ela, para Polivánov, uma das causas inerentes da estruturação e da transformações das línguas, em correlação com a mesma norma que leva os seres humanos à construção ou ao desenvolvimento de ferramentas, de técnicas, de mecanismos e de procedimentos que possam auxiliá-los individual e coletivamente na realização menos exaustiva das suas atividades. Sendo a linguagem uma entre as inúmeras, é evidente que lhe pesaria a mesma regra, principalmente com o objetivo de promover a redução do esforço fisiológico e psíquico – o que de modo semelhante contribui para o desempenho coletivo da linguagem por meio das línguas. Tal tendência funcional à retração e à economia dos meios, longe de prejudicar e de empobrecer uma língua, é antes razão das suas reestruturações, e se reflete, a título de exemplo, nas compactações fonéticas que levam a graduais

³⁶ Em língua original: “[...] мы можем сделать вывод, что на каждом отдельном этапе языкового преемства происходят лишь частичные, относительно немногочисленные изменения, а такие крупные результаты – в виде принципиального преобразования фонетического и морфологического строя, каки мы находим между латинским и французским (или, напр., между древнекитайским и современным китайским) языками, мыслимы лишь как сумма из многих небольших сдвигов, накопившихся за несколько веков или даже тысячелетий, на протяжении которых каждый отдельный этап или каждый отдельный случай преемственной передачи языка (от поколения к поколению) привносил только неощутительное или мало оощутительное изменение языковой системы”.

alterações fonológicas, nos tipos de aplanção ou de regularização da morfologia e nas sintetizações sintáticas (Поливанов, 1931). Diz Polivánov, a propósito:

Por mais estranho que possa parecer, tal fator coletivo-psicológico, que se torna visível em todo lugar através da análise do mecanismo das mudanças linguísticas enquanto a sua mola propulsora, é de fato o que grosseiramente pode ser denominado com a seguinte expressão: “preguiça humana” ou – o que é o mesmo – a tendência à economia de energia de trabalho (Поливанов, 1931, p. 43, tradução própria)³⁷.

459

Assim é que há, por exemplo, as reduções fonológicas como um resultado cuja causa seria o *desgaste fonético* que se vai acumulando na língua com o decorrer do tempo. Como o linguista soviético afirma, “a palavra, portanto, ‘desgasta-se’ durante a prática de fala do mesmo indivíduo ou na mesma geração” (Поливанов, 1931, p. 45, tradução própria)³⁸. Contra a clássica dicotomia saussureana entre língua e fala (Saussure, 2021 [1916]), o que na concepção polivanoviana percebemos é antes o entrelaçamento de ambas as dimensões da linguagem e a defesa do argumento da sua recíproca correlação determinativa, em especial para o entendimento do fenômeno da mudança linguística. Daí a via aberta para Polivánov promulgar a interrelação entre a fonética, em que se efetivam os desgastes da forma fonológica (abstrata e psíquica) através do seu uso, e a fonologia, em que se refratam os efeitos de tais mudanças nas correspondentes modificações fonêmicas, sem o detrimento da compreensão de que se tratam de processos distintos e de domínios diferentes, conquanto imbricados. Ao se desvincular da distinção rígida proposta por Saussure e ao se filiar a pressupostos materialistas, o linguista soviético, logo, concebe que o desgaste, mesmo pertencente ao âmbito da fala (da execução real da forma linguística), não deixa de produzir consequências na esfera da língua como um fato formal tanto quanto psíquico.

A razão para isso se assenta na assunção, por parte de Polivánov, também de

³⁷ Em língua original: “Как это ни странно, но тот коллективно-психологический фактор, который всюду при анализе механизма языковых изменений будет проглядывать как основная пружина этого механизма, действительно есть то, что, говоря грубо, можно назвать словами: ‘лень человеческая’ или – Что то же – стремление к экономии трудовой энергии”.

³⁸ Em língua original: “Слово, таким образом, ‘изнашивается’ даже на протяжении речевой практики одного и того же индивидуума или одного и того же поколения”.

um outro princípio que no materialismo encontra a sua expressão epistêmica: o de que a *atividade fonatória*, assim como a totalidade da linguagem que se materializa nas línguas, trata-se de um tipo de trabalho – “e, assim, a composição real da nossa atividade fonatória (durante a troca de fala) é realmente determinada, como uma regra geral, pela condição de um gasto mínimo de energia articulatória, suficiente, porém, para o alcance da finalidade da fala (ou seja, da comunicação)” (Поливанов, 1931, p. 44, tradução própria)³⁹. A mesma norma se aplicaria, no entendimento do linguista soviético, ao processo de aprendizagem de uma língua, em que as formas linguísticas caracterizadas por maior complexidade “[...] simplesmente não são aprendidas e são substituídos por outros menos difíceis” (Поливанов, 1931, p. 47, tradução própria)⁴⁰. Há aqui, por conseguinte, uma generalização epistêmica da concepção marxista de trabalho para a definição da atividade linguística em sua integralidade.

O que aí se acha implicado, simultaneamente, trata-se da compreensão teórica de que há, nos seres humanos, uma dimensão fisiológica e psíquica que é demasiado importante para que haja a efetivação ou a realização da linguagem. É ela também determinada pelo princípio da economia. Segundo Polivánov (Поливанов, 1931), os falantes de uma dada língua tendem ao favorecimento de formas linguísticas que podem vir a definir-se como relativamente mais fáceis à aprendizagem e ao uso real. O linguista soviético acaba, conseqüentemente, por correlacionar mais uma vez o domínio da articulação fisiológica ao do menor esforço psíquico, determinando que uma das causas essenciais da mudança linguística é encontrada conjuntamente na esfera histórica, em particular por ser a língua em si coletiva, e na psicofisiológica que leva os seres humanos à criação de estratégias para a facilitação das suas atividades.

Por fim, cabe-nos uma remissão a um outro dos princípios fundamentais da concepção da mudança linguística de Polivánov. A questão, como antes dissemos, refere-se à língua como uma expressão dialeticamente complexa das modificações econômicas e materiais da sociedade. Por consequência, há entre, de um lado, as

³⁹ Em língua original: “И вот, реальный состав нашей фонационной деятельности (при речевом обмене) действительно определяется, в виде общего правила, условием минимальной траты произносительной энергии, достаточной, однако, для достижения цели говорения (т.е. коммуникации)”.

⁴⁰ Em língua original: “[...] просто не заучиваются и подменяются более легкими”.

transformações e as oscilações da infraestrutura e, de outro, as mutações e as variações na língua não uma relação mecanicamente direta, tal como era defendido por outros marxistas da época. Contra as ideias mecanicistas ao estilo de Bukhárin e de Marr, o linguista soviético assevera que as línguas não passam por mudanças em função de modificações ocorridas na base socioeconômica e na organização política da sociedade, como se fossem um reflexo imediato (Поливанов, 1931). Ao contrário, propõe ele que elas se transformam através de uma *mediação* constitutiva. A sua concepção dialética, que leva em conta as contradições inerentes à configuração social, parte da noção de acordo com que os fatores socioeconômicos não atuam imediatamente sobre os mecanismos internos de estruturação e de mudança e sobre as formas das línguas, mas, sim, agem de maneira a transformarem, em um primeiro momento, as muitas condições historicamente sociais em que se dá a comunicação linguística, e a partir daí é que pode ocorrer a produção de efeitos transformacionais nas estruturas das línguas (Поливанов, 1931). A sua atuação, portanto, é dada nos *próprios pontos de partida* de realização fonética e morfológica do sistema linguístico, como ele mesmo fala:

[...] em vez de exercer uma interferência no mecanismo técnico dos processos individuais (saindo de um determinado ponto de partida), as mudanças econômicas e políticas tornam-se capazes de produzir transformações nos pontos de partida mesmos (processos histórico-fonéticos etc) e, portanto, modificar fundamentalmente a totalidade do canal da evolução linguística (Поливанов, 1931, p. 49, tradução própria)⁴¹.

Há, por conseguinte, que Polivánov rompe de modo incisivamente direto e claro com a interpretação demasiado corrente à sua época de uma causalidade social da mudança linguística, assumindo, antes de mais nada, que ao linguista deve ser outorgada a necessidade de levar empiricamente à prova o conjunto das suas afirmações teóricas, fundamento que assume do empiriocriticismo do marxismo-

⁴¹ Em língua original: “[...] вместо влияний на технический механизм-отдельных процессов (идущих от данного отправного пункта) экономические и политические сдвиги способны производить изменения в самих этих отправных пунктах (историко-фонетических и т. д. процессов) и таким образом в корне изменять все русло языковой эволюции”.

leninismo a que se parecia filiar (Ларцев, 1988). Temos, ao cabo, que a estrutura de classe, o sistema de produção, a organização do trabalho e o regime político de governo, enquanto demandas que dependem fundamentalmente da estruturação coletiva, determinam de modo direto não as transformações das formas linguísticas, mas, sim, as *interações mediadas pela linguagem*, sendo a língua o meio para a comunicação entre os falantes que são o foco coletivo tanto das suas manifestações, quanto das suas transformações. Daí a dialética ser levada em conta na sua teoria, uma vez que as contradições historicamente sociais que se constituem nas sociedades tornam-se *mediatamente*, através das interações linguísticas, o motor indireto das mudanças da língua (Поливанов, 1931).

4. Das últimas considerações

É extremamente necessário que enfatizemos, antes de mais nada, que o nosso artigo nunca pretendeu levar ao esgotamento uma temática cujo complexidade, se desenvolvida ao seu limite, ocuparia volumes extensos tanto quanto o conjunto das obras de Polivánov. Assim é que, mais uma vez, gostaríamos de evidenciar que o presente texto propôs-se tão somente como um gesto inicial de concretização de uma pesquisa que certamente durará vários anos. Dito isso, torna-se indispensável que façamos uma breve recapitulação do nosso debate, com vistas ao seu fechamento provisório.

Em primeiro lugar, é importante termos à nossa frente a problemática que norteou uma parte das nossas ideias: o distanciamento da nossa percepção quanto à linguística russa e soviética. A partir daí é que procuramos, então, tratar de uma das muitas perspectivas que constituíram a ciência russa e soviética da linguagem, que é a teoria marxista de Polivánov. Ela é, com certeza, uma das mais promissoras e relevantes entre as desenvolvidas em solo eslavo, e isso por uma série de razões a que nos referimos ao longo do nosso artigo. Entre as muitas, acham-se o seu empenho em trabalhar junto à Revolução de 1917, de integrar o estado soviético e a sua tarefa pública e política enquanto um decifrador dos tratados secretos da família imperial, a que vêm juntar-se o seu exímio trabalho docente e sua atividade científica

rigorosamente levada à máxima expressão, mesmo que interrompida de maneira tão abrupta.

Como foi-nos permitido inferir das informações biográficas de Lártsiev (Ларцев, 1988), Polivánov tratou-se de um linguista profundamente engajado, que *encarou a revolução do trabalho acolhendo-o com amor em seu sentido libertador* no momento da Revolução. A sua trajetória de vida, incluindo o seu percurso acadêmico, vem mostrar-nos um cientista da linguagem que assumiu veementemente que é impossível ser só um teórico. Para ser pleno, ele precisava ter-se tornado o que foi: um teórico, um político da linguagem e um pesquisador (Поливанов, 1931). Conquanto ativo, vimos semelhantemente que Polivánov, após a morte de Lênin e a ascensão de Stálin, foi um dos muitos vitimados pela barbárie stalinista, o que, por uma felicidade do destino e graças às ações de outros, não conseguiu apagar da história a totalidade das ideias que produziu.

Em segundo, vimos como é relativamente contextual o caráter sociológico da teoria de Polivánov. Com Lähteenmäki (2010), foi-nos dada a oportunidade de compreender o que aqui denominamos, em sintonia com Villarta-Neder e Castro Dias (2023), de movimento sociológico na linguística soviética entre a década de 1920 e a de 1930. Conseguimos entender também, mesmo que parcialmente, a relação entre a linguística e a sociologia ainda nascente. De igual modo, vimos que não apenas as tendências sociológicas de natureza marxista ali existiram ou vigoraram no princípio. Outras também houveram, tal como a vertente advinda na sociologia francesa, particularmente representada na ciência da linguagem por Meillet, a cuja linguística certos linguistas soviéticos se ligaram de determinada forma, como é o caso de Chor, sobretudo no início do seu trabalho científico (Lähteenmäki, 2010). Aqui, outros nomes foram mencionados por nós, como o de Volóchinov, o de Jakubinski e o de Petersón.

Dáí, de fato, passamos para os traços gerais dos fundamentos teóricos e dos princípios metodológicos da linguística marxista de Polivánov. Enfatizamos que o que se apresenta nos textos primários do linguista soviético, em especial na conferência que ministrou ele em 1929 e no prefácio ao seu livro *Por uma linguística marxista* (Поливанов, 1931), trata-se somente de um projeto programático que lança as bases epistemicamente essenciais das suas concepções. Uma das mais importantes é a do

caráter coletivo da linguagem (e da realização da língua), visto ela como uma atividade à semelhança do trabalho, o que nos revela um vínculo explícito e profundamente constitutivo da teoria polivanoviana com uma tese do marxismo. O segundo ponto assaz proeminente que nos indicia a sua expressiva relação com os fundamentos marxistas é a ideia de acordo com que são indispensáveis a análise e a explicação dos fenômenos linguísticos através da sua correlação dialética e mediata com as configurações e as transformações da base econômica da sociedade – e as relações produtivas e políticas aí implicadas. E um terceiro seguramente seria o que se refere à necessidade que a linguística marxista precisaria cultivar com a tradição de estudos linguísticos, que deveria ser pautada sobre uma assimilação dialeticamente sintética do que de proveitoso ela pôde até então ter realizado, distante de todo e qualquer tipo de dogmatismo.

E, finalmente, esclarecemos uma parte da concepção de mudança linguística que foi desenvolvida por Polivánov. De forma manifesta, a primeira tese fundamental da sua ideia das causas das mutações da língua trata-se da que versa a respeito das acumulações paulatinas dos efeitos das ínfimas modificações coletivas ao longo do tempo, tendo em vista, e aí entramos na sua segunda tese, que é característico do ser humano o princípio de economia dos meios fonatórios e psíquicos – ou seja, a sua tendência à produção de técnicas com o fim de efetivar a sua atividade (e a linguagem é uma, e de natureza coletiva) com o menor esforço possível. Em seguida, abordamos brevemente a terceira tese de Polivánov sobre o fenômeno da mudança linguística: a de que as transformações ocorridas na língua não se tratam de uma consequência mecânica e causal das modificações na infraestrutura da sociedade, mas, sim, de uma decorrência mediata, dado que as mutações afetam, primária e diretamente, os pontos de partida, isto é, as relações comunicativas entre os falantes, e, a partir daí, passam a incidir sobre as estruturas fonológicas, morfológicas e sintática das línguas – através das micromudanças que lhes vão pertencendo.

Embora tenha-se proposto uma tarefa hercúlea, cremos que o nosso artigo, mesmo não tendo esgotado – nem tido a intenção – um tema tão intrincado, alcançou uma discussão eficaz. A divulgação, entre nós, da linguística russa e soviética é uma urgência eticamente epistêmica na exata medida em que possivelmente inúmeras das

ideias com que hoje operamos possam ter a sua formação primária lá ou possam esmerar-se mais em um diálogo formativo com o que foi produzido na ciência russa e soviética da linguagem. Ademais, há outra razão que nos leva à imprescindibilidade do conhecimento de tal tradição, que é a sua proficuidade, o que pode ser igualmente entendido sob o signo da sua riqueza epistêmica. A isso, vem associar-se uma outra demanda, de caráter historiográfico. E, quanto especificamente à linguística marxista de Polivánov, acreditamos que ela ainda tenha muito a oferecer-nos do ponto de vista analítico, teórico e metodológico, o que justifica a imperatividade de difusão das suas ideias. Esperamos que, de modo mínimo que seja, tenhamos feito jus à grandiosidade e ao rigor da sua teoria científica, contribuindo, no atual século, um pouco mais para com a sua verdadeira restituição, para que ocupe ele o seu lugar de direito à mesa da história universal da ciência a que tanto veio consagrar o seu intelecto e a sua alma.

REFERÊNCIAS

ALPATOV, V. Soviet linguistics of the 1920s and 1930s and the scholarly heritage. In: BRANDIST, C; CHOWN, K. (Orgs.). **Politics and the theory of language in the USSR – 1917-1938: the birth of sociological linguistics**. Nova York: Anthem Press, 2010, p. 17-34.

BRANDIST, C. The Rise of Soviet sociolinguistics from the ashes of *Völkerpsychologie*. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 42, n. 3, 2006, p. 261-277.

BRANDIST, C. The origins of Soviet sociolinguistics. **Journal of Sociolinguistics**, v. 7, n. 2, 2003, p. 213-231.

GRILLO, S. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 7-79.

ЯКУБИНСКИЙ, Л. **О диалогической речи** [Do discurso dialógico]. Disponível em: <https://www.ruthenia.ru/apr/textes/jacub/jacub1z.htm> Acesso em 20 abril 2025 [1923].

IVANOVA, I. Prefácio. In: JAKUBINSKIJ, L. **Sobre a fala dialogal**. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 7-28.

LÄHTEENMÄKI, M. 'Sociology' in Soviet Linguistics of the 1920–30s: Shor, Polivanov and Voloshinov. In: BRANDIST, C; CHOWN, K (Orgs.). **Politics and the theory of**

language in the USSR – 1917-1938: the birth of sociological linguistics. Nova York: Anthem Press, 2010, p. 35-51.

ЛАРЦЕВ, В. **Евгений Дмитриевич Поливанов**: страницы жизни и деятельности [Ievguiêni Dimíttrievitch Polivánov: páginas da sua vida e da sua atividade]. Москва (Moscou): Наук, Главная Редакция Восточной Литературы, 1988.

JAKUBINSKIJ, L. **Sobre a fala dialogal.** Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015 [1923].

ПЕТЕРСОН, Н. М. **Очерк синтаксиса русского языка** [Ensaio sobre a sintaxe da língua russa]. Москва (Moscou): Государственное Издательство, 1923.

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Грамматика японского разговорного языка** [Gramática da língua japonesa falada]. Москва (Moscou): Московского Института Востоковедения, 1930.

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Лекшш по введению в языкознание и общей фонетике** [Aula introdutória à fonética e à linguística geral]. In: ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Избранные труды по восточному и общему языкознанию** [Obras selecionadas sobre linguística oriental e geral]. Москва (Moscou): Издательство Наука, p. 236-270, 1991a [1923].

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Русская грамматика в сопоставлении с узбекским языком** [A gramática russa em comparação com a língua uzbeque]. Ташкент (Tachkent): Госиздат Из ССП, 1933.

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Статьи по общему языкознанию** [Artigos sobre linguística geral]. In: ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Избранные работы** [Obras selecionadas]. Москва (Moscou): Издательство Наука, 1968.

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Стенограмма 4 февраля 1929 г. "Проблема марксистского языкознания и яфетическая теория"** [Transcrição de 4 de fevereiro de 1929 "O problema da linguística marxista e a teoria jafética"]. In: ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Избранные труды по восточному и общему языкознанию** [Obras selecionadas sobre linguística oriental e geral]. Москва (Moscou): Издательство Наука, p. 507-542, 1991b [1929].

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Введение в языкознание для востоковедных вузов** [Introdução à linguística para Universidades de Estudos Orientais]. In: ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **Избранные труды по восточному и общему языкознанию** [Obras selecionadas sobre linguística oriental e geral]. Москва (Moscou): Издательство Наука, p. 9-235, 1991c [1928].

ПОЛИВАНОВ, Е. Д. **За марксистское языкознание** [Por uma linguística marxista]. Москва (Moscou): Издательство Федерация, 1931.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola, 2021 [1916].

VILLARTA-NEDER, M. A; CASTRO DIAS, F. L. de. Uma contribuição da filosofia da linguagem de Volóchinov para os estudos semióticos. **Estudos Semióticos** [online], V. 19, N. 3. São Paulo, dezembro de 2023. p. 189-208.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e de Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

ВОЛОШИНОВ, В. Н. **Марксизм и философия языка**: основные проблемы социологического метода в науке о языке [Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem]. Moscou: Лабиринт, 1993 [1929].

ШОР, Р. О. **Язык и общество** [Língua e sociedade]. 3-e. Москва (Moscou): Книжный Дом, 2010 (1926).

Recebido em: 30/06/2025.

Aprovado em: 15/08/2025.